

**AS FUNÇÕES SACRALIZADORA E DESSACRALIZADORA DA  
LITERATURA NA OBRA MORMAÇO (2016) DO POETA ELIZEU BRAGA.**

**THE HALLOWING AND DEMYTHIFICATION FUNCTIONS OF  
LITERATURE IN MORMAÇO (2016) BY POET ELIZEU BRAGA.**

Matheus Faustino Pedrosa

Sonia Maria Gomes Sampaio

Universidade Federal de Rondônia

**Resumo:** A obra *Mormaço* (2016), de Elizeu Braga, poeta beradeiro portovelhense, da comunidade de Itacoã, na beira do Rio Madeira, traz em sua poética uma representação de Amazônia dissonante daquela construída originalmente pelas literaturas escritas por colonizadores, colonos, viajantes europeus e estadunidenses que, mesmo no século XXI, ainda remontam a imagem da vivência amazônica presente no imaginário popular e na construção da identidade cultural amazônica como abordam João de Jesus Paes Loureiro (2015) e Ana Pizarro (2012). Com fundamento nas noções de Identidade e Representação de Tomaz Tadeu da Silva (2014), e nos conceitos de Sacralização e Dessacralização trazidos pelos autores Edouard Glissant (1989) e Zilá Bernd (2011), este estudo propõe a análise dos processos de sacralização, dessacralização e representação da identidade cultural amazônica a partir da poesia de Elizeu Braga, por meio de um recorte de poemas selecionados da obra *Mormaço* (2016). A escolha se justifica com base na contemporaneidade e relevância da obra, que tem adquirido cada vez mais popularidade, interesse acadêmico e fortuna crítica. A imagem erigida por meio da representação da literatura de viagem e dos olhares colonialistas é a de uma Amazônia mística e exótica, habitada por indígenas infantilizados e caboclos preguiçosos, que não comporta a humanidade da vivência amazônica, e suas tensões culturais visíveis nos versos do poeta Elizeu Braga.

**Palavras-Chave:** Dessacralização; Sacralização; Elizeu Braga; Literatura; Cultura Amazônica.

**Abstract:** The book *Mormaço* (2016), written by Elizeu Braga, a poet from the Itacoã river people community in the Amazon region, portrays in its poetics a representation of the Amazon distinct from the one originally depicted in colonizers' literature such as travel literature written by Europeans and Americans. Even in the twenty first century, such literatures still shape the popular understanding of life in the amazon region, thus forming the image of its cultural identity, as demonstrated in the works of João de Jesus Paes Loureiro (2015) and Ana Pizarro (2012). Based on the notions of Identity and Representation according to author Tomaz Tadeu da Silva (2014), and the concepts of Hallowing and Demythification introduced by authors Édouard Glissant (1989) and Zilá Bernd (2011), this study proposes an analysis of the processes of hallowing and demythification in the representation of Amazonian cultural identity through the poetry of Elizeu Braga, using a selection of poems from his most renowned work to date: *Mormaço* (2016). The choice is grounded in the contemporaneity and relevance of the work, which has recently gained in popularity, academic interest, and critical acclaim. The image constructed through the representation of travel literature and colonialist perspectives is that of a mystical and exotic Amazon, inhabited by infantilized indigenous people and lazy caboclos. This image does not capture the complexity of the Amazonian experience and its cultural tensions as seen in the words of the poet Elizeu Braga.

**Keywords:** Demythification; Hallowing; Elizeu Braga; Literature; Amazon Culture

**Recebido em 29 de outubro de 2023**  
**Aprovado em 30 de dezembro de 2023.**

## **Introdução**

Este estudo propõe-se a analisar a poesia de Elizeu Braga, um poeta beradeiro, da comunidade de Itacoã, em Porto Velho, Rondônia. Os poemas analisados foram selecionados da obra *Mormaço* (2016), publicada pelo autor, quando não mais vivia em uma comunidade ribeirinha, mas inserido na cidade. A obra foi publicada após a cheia histórica do Rio Madeira, em 2014, que inundou cidade e comunidades, impactando fortemente as vidas das pessoas e a natureza.

Como percebe-se na escrita do autor, ele não vê a cheia como um desastre natural, mas como uma consequência da construção das usinas hidrelétricas do Rio Madeira. Essa tensão entre as cosmovisões que habitam a região atravessa a poesia de Elizeu Braga e é, muitas vezes, seu tema principal.

A análise dos poemas se faz a partir da crítica pós-colonial, e promove o questionamento acerca da identidade cultural, com enfoque em duas funções da literatura propostas pelo crítico pós-colonial Edouard Glissant (1928 – 2011), que são as funções sacralizadora e dessacralizadora. Esses conceitos estão ligados à relação da comunidade com seus mitos e crenças. Para lidar com as questões de identidade cultural, foram utilizados os conceitos de Tomaz Tadeu da Silva.

Inicialmente, para poder analisar a poesia de Elizeu Braga em seu devido tempo e espaço, foi necessário fazer uma breve revisão histórica da formação cultural da cidade de Porto Velho, e de sua representação enquanto cidade amazônica, sem visitar toda sua linha do tempo, mas focando em momentos pontuais definitivos para a construção do *status quo* a partir do qual Elizeu Braga escreve.

Somente a partir dessa contextualização, seguido pela apresentação dos conceitos de sacralização e dessacralização trazidos por Glissant é que foi feita a análise dos poemas selecionados.

Por ser um poeta beradeiro, como ele mesmo se intitula, escrevendo na cidade, Elizeu Braga ocupa um espaço de tensão que existe entre a cultura urbana da cidade de Porto Velho e a cultura beradeira das suas comunidades.

O objetivo da análise é, por meio da aplicação teórica das funções da literatura que norteiam o estudo, e a partir de noções de identidade, compreender melhor a poesia

de Elizeu Braga e sua expressividade, e como essa literatura se relaciona com o mundo, enquanto representação, entendendo a relação entre representação e identidade, apresentada por Tomaz Tadeu da Silva.

### **Origem e representação de uma cidade amazônica**

Desde as origens do processo colonizatório do Novo Mundo, os invasores europeus construíram uma imagem inventada da Amazônia (GONDIM, 1994). Eles conspiravam que nela se escondia o Eldorado, um paraíso perdido, uma cidade fantástica repleta de ouro escondida na selva. Esse e outros discursos que serviam o interesse do poder político, civil e eclesiástico dos europeus serviram para inventar a Amazônia. É nesse sentido que Ana Pizarro diz que “A Amazônia é, assim, uma construção discursiva” (PIZARRO, 2012, p. 33).

O próprio nome “Amazônia” surge de uma construção discursiva fantasiosa dos colonizadores, quando o Frei Carvajal acompanhava o conquistador Francisco Orellana e escreveu para a coroa da Espanha dizendo que foram atacados por guerreiras indígenas, montadas em cavalos, as quais arrancavam os seios para facilitar o manuseio do arco e flecha, semelhante às guerreiras amazonas da Grécia, um relato repleto de invenções e impossibilidades lógicas, dentre as quais a mais notória é que sequer havia cavalos nas Américas. Ana Pizarro confirma: “A crônica de Carvajal foi redigida com base na fantasia” (PIZARRO, 2012, p. 44) Posteriormente, a região onde supostamente habitavam essas guerreiras amazonas passaria a ser chamada de Amazônia.

Outra construção discursiva fantasiosa e mitificada da região foi a do Inferno Verde, representando a Amazônia como um lugar quente e repleto de perigos mortais e índios canibais. Ana Pizarro relata três figuras básicas do imaginário instaladas pelos discursos dos colonizadores: “As Amazonas, o Eldorado e o Maligno” (PIZARRO, 2012, p. 41).

Os signos dos mitos formados a partir das crônicas dos viajantes serviram de pano de fundo para diversas obras literárias, cinematográficas, e novelas de TV que compuseram a formação do imaginário popular sobre a região.

Com a popularização dessas narrativas formou-se uma representação inventada da Amazônia e de seus povos. Um dos principais meios de propagação dessas representações foi a literatura, como por exemplo a obra *Muhuraida*, de John Wilkens, 1785, poema épico português que enaltece a invasão, colonização e genocídio do povo

mura, e mais recentemente o filme americano *Jungle Cruise*, que conta a história de exploradores em busca da Árvore de Lágrimas de Cristal.

A longo prazo, as representações inventadas a partir do olhar dos colonizadores se popularizaram, formando no imaginário popular dos brasileiros de outras regiões do país e dos estrangeiros a imagem de uma Amazônia ocupada por uma sociedade arcaica, majoritariamente composta por indígenas infantilizados, uma terra que desconhece a revolução industrial e a revolução digital. A respeito disso, cito uma entrevista de 2011 da banda brasileira Restart, sucesso nacional das primeiras décadas dos anos 2000, em que o baterista da banda afirmou que gostaria de tocar no estado do Amazonas: “Imagina tocar no meio do mato, assim (...) Eu não sei nem como é o público de lá, se tem civilização.” (VEJA, 2011). A imagem que o músico tinha sobre a população do Amazonas não era uma invenção de sua autoria, e sim o produto das representações que lhe foram ofertadas.

Essas representações feitas a partir do olhar do ocidente atribuíram uma significação para a Amazônia que não emana das culturas dos povos amazônicos, mas do colonialismo. Nas palavras de Ana Pizarro:

A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela. Ela tem sido pensada, em nível internacional, através de imagens transmitidas pelo ideário ocidental, europeu, sobre o que eles entendem ser sua natureza, ou, em outras palavras, sobre o lugar que a Amazônia ocupou na sua experiência, imagem que foi retificada em diversos textos. (PIZARRO, 2012, p. 31)

Essas imagens de que a autora fala são construídas por meio de representações que são feitas da Amazônia. Tomaz Tadeu assinala que “a representação não aloja a presença do ‘real’ ou do significado. A representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente (...) por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder.” (SILVA, 2021, p. 91). Ou seja, enquanto produções de significado, as representações da Amazônia não transparecem um signo real, mas filtram os signos a partir dos sistemas de poder envolvidos. A representação a partir do olhar do ocidente reflete precisamente a dinâmica de poder do colonialismo, o qual colocou a cultura amazônica junto com outras culturas e identidades invisibilizadas, algo que Edouard Glissant comparou com o lado escondido da lua, um lado negro onde a luz não toca e o mundo não pode vê-lo, enquanto, por outro lado, o que se vê é a mesmidade da história única de um ocidente branco, homogêneo e colonizador que tenta transformar tudo em simulacros de si e apagar as diferenças, segundo

SANTIAGO (2000). Diante disso, Glissant defende, no ensaio *National Literatures* que as culturas promovam sua autoafirmação e ocupem seu espaço na diversidade da cultura mundial. (GLISSANT, 1989).

### **As funções (des)sacralizadoras**

Em seu ensaio, Glissant propôs as duas funções da literatura que orientam este estudo: Sacralização e Dessacralização. Enquanto a função dessacralizadora é uma análise intelectual “cujo propósito é desmontar as engrenagens internas de um dado sistema, de expor seus mecanismos ocultos, de desmistificar”<sup>1</sup> (GLISSANT, 1989, p. 100), a função sacralizadora “reúne a comunidade ao redor de seus mitos, suas crenças, sua imaginação ou sua ideologia” (GLISSANT, 1989, p. 100).

Foi Zilá Bernd quem trouxe os conceitos de sacralização e dessacralização para o Brasil, em 1992, na obra *Literatura e Identidade Nacional* (BERND, 2011). Ela apresenta a função sacralizante, descrita por Glissant como similar a função celebrativa da literatura de que fala Dubois:

Esta função *sacralizante* ou celebrativa (Dubois, 1978, p.74) “lembra as origens sagradas da poesia e parece consolidar a base ideológica da prática literária”. No âmbito desta função de sacralização, épica ou trágica, a literatura “deve significar [...] a relação de um povo a outro no DIVERSO” (Glissant 1981, p.193), sob pena de permanecer folclorizante ou caduca. (BERND, 2011, p. 33)

No artigo intitulado *O passeio pelas Américas*, publicado na obra *Identidades e estéticas compósitas*, Zilá Bernd comentou a acerca da função dessacralizante:

É preciso desconstruir as matrizes herdadas e relativizar a importância dos vínculos que nos faziam tentar suprir, pela influência europeia, a retórica da falta. Só então pode se dar o processo de reapropriação do imaginário americano e a recriação dos americanos como sujeitos de sua própria escritura. (BERND, 1999, p. 187)

Sob essa óptica, cabe dizer em relação à região amazônica que além da influência europeia, é preciso desconstruir as matrizes herdadas pelo Brasil ocidentalizado e seus processos colonizatórios dentro da Amazônia.

Essas funções propostas por Glissant estão também em consonância com a descrição feita por Tomaz Tadeu acerca do processo de produção de identidade, no qual o autor argumenta que este processo “oscila entre dois movimentos: de um lado, estão

---

<sup>1</sup> Tradução do inglês feita pelo autor visando aproximar-se da tradução feita por Zilá Bernd na obra *Literatura e Identidade Nacional*, citada neste estudo.

aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la.” (SILVA, 2011, p. 84). Neste caso, a função sacralizadora atuaria na fixação da identidade em torno dos mitos da comunidade, e a dessacralizadora seria aquela que a subverte a partir de uma análise intelectual.

Sem entrar nas questões de sacralização e dessacralização, na obra *Identidade e Diferença* (2011), Tomaz Tadeu argumenta que laços imaginários em torno de símbolos, como os mitos fundadores<sup>2</sup>, permitem unir um povo que “sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados” (2011, p. 85). É a mesma ideia que Glissant propôs por meio da função sacralizadora da literatura.

No que diz respeito à Amazônia, a representação da cultura não foi proposta pelos nativos, que são os indígenas e caboclos que mantiveram a matriz indígena em sua cultura; como explica Zilá Bernd, “na literatura brasileira, a representação dos negros é frequentemente ocultada, enquanto a dos indígenas é inventada” (BERND, 2011, p. 33). Essa mesma percepção da invenção está presente em *A invenção da Amazônia* (1994), escrito por Neide Gondim, que apresenta um relato mais detalhado do processo de invenção de representações do que seria a Amazônia.

Em *Identidade e Diferença*, Tomaz Tadeu demonstra que representar é dizer a identidade cultural de um povo, e ainda, que representar é também uma questão de poder: “É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de determinar e definir a identidade” (SILVA, 2014, p. 91)

Nesse sentido, a representação feita da cultura e dos povos amazônicos pelos colonizadores está diretamente relacionada com a dinâmica de poder do colonialismo. Assim, ao passo que os povos amazônicos superam essa dinâmica, é preciso produzir representações por meio da literatura, que, conforme ensina Glissant, “combinem sacralização e dessacralização, a inocência primitiva e a destreza aprendida” (GLISSANT, 1989, p. 100), e assim afirmar-nos em nosso espaço como integrantes de uma cultura mundial diversificada.

---

<sup>2</sup> De acordo com Tomaz Tadeu (2014, p. 85), “Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental (...) inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são ‘verdadeiros’ ou não”.

### **Elizeu Braga e sua poesia (des)sacralizadora**

Porto Velho, cidade amazônica onde vive o poeta Elizeu Braga, cujos poemas foram analisados neste estudo, é uma cidade que foi criada a partir de narrativas da modernização e do progresso que promoveu uma sequência de ciclos migratórios que transformaram a região em uma mistura de povos e culturas diversas, algo que os pesquisadores Juliana Bevilacqua Maioli e José Maria Lopes Júnior descreveram como um *melting pot*, em português: um crisol de raças, metáfora que designa espaços culturais heterogêneos que se homogeneízam ao derreter juntos, e que os pesquisadores contextualizaram com a expressão uma “caldeirada de culturas”, em referência a culinária local (LOPES JUNIOR; MAIOLI, 2020).

Além de possuir uma zona urbana e uma zona rural, em Porto Velho também vivem populações tradicionais chamadas ribeirinhas ou beradeiras, situadas às margens do Rio Madeira, como a comunidade de Itacoã, onde nasceu Elizeu Braga. Essas comunidades se distinguem por possuírem em sua cultura “um modo de vida peculiar que a distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possui sua cosmovisão marcada pela presença do rio” (SILVA et al., 2002, p. 27). Além de herdar da cultura indígena uma cosmovisão de harmonia com a natureza, as comunidades beradeiras também herdaram o preconceito que os indígenas sofrem sob o olhar do ocidental universalizante. O professor Josué da Costa Silva menciona que um dos discursos preconceituosos popularizados sobre essas comunidades é o de que “por sua herança indígena, são preguiçosos” (SILVA et al., 2002, p.27). Construções discursivas dessa natureza, baseada em mitos construídos a partir de representações colonialistas precisam ser derrubadas por meio de novas representações. Tomaz Tadeu explica que “a representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral.” (SILVA, 2014, p.90). No caso da literatura, quando ela desmistifica aquelas representações, ela exerce o que, como já foi visto, Glissant chamou de função dessacralizante.

A dessacralização na poesia de Elizeu Braga já foi objeto de estudo de José Maria Júnior e Juliana Maioli, em seu artigo intitulado “No banheiro das águas: literatura, teatro e outras travessias às margens do Rio Madeira”. Em seu estudo sobre o poema Mormaço, que dá nome ao livro, os pesquisadores concluíram:

O eu-lírico plasma as múltiplas consciências de sujeitos subalternos que, ao longo do processo de ocupação de Rondônia, tiveram suas memórias apagadas e suas vozes silenciadas. Ao resgatar essas subjetividades, Mormaço constrói a imagem de uma

Porto Velho dessacralizada, não mítica, habitada por uma população pobre, relegada às margens da sociedade brasileira, que luta diariamente pela sobrevivência e pela reconquista do seu espaço (LOPES JUNIOR; MAIOLI, p. 268)

Uma dessas subjetividades que os pesquisadores observaram foi na análise do excerto: “dizem que somos terceiro mundo mal educados/ mal falados esquentados criadores de caso e sem memória/ dizem que a cidade é de todos/ só para a gente acreditar que ela é de ninguém” (BRAGA, 2016, p. 07), em que Lopes e Maioli entendem, nesses versos, que estão traduzidas a exploração do trabalhador que não enriquece a si, mas ao outro e o discurso enunciado de forma a romantizar e moralizar a questão do trabalho entre as classes ditas inferiores.

Além dessa dessacralização já comentada, no mesmo poema é possível identificarmos o exercício da função sacralizadora quando, após apontar a relação de desconforto dos exploradores estrangeiros (não necessariamente do exterior, mas também de outros locais do Brasil) com o mormaço da região: “ficam de longe porque não aguentam o nosso mormaço/ tomando vinho às nossas custas olha já” o eu-lírico se contrapõe reafirmando a cosmovisão da cultura tradicional ao dizer:

Esse calor me leva para a água/ meus olhos enxergam o rio/ os ouvidos escutam os pássaros/ sou bem daqui onde minha memória costura/ como essa gente acolhedora e cheia de esperança que quando precisa sabe enfrentar o sol (BRAGA, 2016, p. 7)

Como já foi mencionado, a cultura beradeira traz consigo uma relação íntima com o rio. O que pode ser confirmado também nos estudos de João de Jesus Paes Loureiro sobre a cultura amazônica. Sobre a importância dos rios para a cultura amazônica, Loureiro ensina que

O rio é o fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um *ethos* e um ritmo à vida regional. Dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo. (LOUREIRO, 2015, p. 137).

O que é proposto no desfecho do poema é a retomada dessa relação com o rio. Enquanto o estrangeiro se sente hostilizado pela natureza local, no passado chamada de “inferno verde”, o sujeito da poesia se harmoniza com ela, e nela encontra significado, ou ainda, como disse Loureiro, há uma “relação plurissignificante do homem com a natureza” (LOUREIRO, 2015, p. 151). A dicotomia entre o “de dentro” e o “de fora” na poesia de Elizeu Braga também foi objeto dos estudos de Júnior e Maioli: “o eu-lírico enuncia um discurso que joga dialeticamente com o par dicotômico ‘de dentro’ e ‘de fora’,

deslocando o próprio sentido de pertença, convencionalmente associado aos princípios de legitimação de identidade cultural.”

A relação com a natureza, e as relações entre os sujeitos “de dentro” e “de fora” são temas de outros poemas dentro da obra *Mormaço*. Para isso, é imprescindível entender o momento em que o livro foi escrito e publicado: 2016, após a construção das usinas hidrelétricas do Rio Madeira, que desde o início teve um impacto catastrófico na natureza, culminando na cheia histórica do rio, em 2014, quando as águas invadiram a cidade e as comunidades ao longo do rio. Essas relações podem ser percebidas em seu devido contexto histórico no seguinte trecho do poema “a cidade”:

(...) grita as comunidades na beira do rio madeira/ que mantiveram sua fé e a tradição da cultura beradeira/ ficaram em suas casas quando veio a grande alagação/ os outros prejuízos trazidos pela destruição/ de projetos que produzem energia pra outra região/ a cidade segue colonizada anestesiada (BRAGA, 2016, p. 13).

Os versos mencionam a inundação provocada pela construção das usinas hidrelétricas que fornecem energia para o centro do Brasil – centro em relação a posição dita periférica da região Amazônica dentro da dinâmica nacional de poder entre as regiões – trazem também a figura do “de fora” como explorador, colonizador, e duas imagens opostas acerca dos “de dentro”: as comunidades resistentes e apegadas à cultura tradicional, e a cidade colonizada, anestesiada, conforme afirma o poeta, no entanto esclarecemos que a ideia de uma cidade colonizada e anestesiada vem se desfazendo à medida que conhece a poesia de Elizeu e discute os múltiplos sentidos nela apresentados. Já nos primeiros versos, o poema apresenta a função dessacralizadora ao atacar o grande *slogan* da colonização das Amazônias e de todos os ciclos migratórios que formaram Porto Velho: “terra de oportunidades”. Assim inicia-se o poema: “a cidade não tem rima mas tem muro/ tem promessa de progresso mas nenhuma de futuro; a cidade perna aberta pra quem chega de outros mundos/ a cidade obedece a moda da roda dos imundos”, o poema revisita ainda a história local de destruição da natureza e genocídio de povos indígenas, e desigualdade social:

potência do agronegócio arrebatando com a terra/ e com quem nela se mantêm/ cidade empresarial/ corta as árvores nativas/ planta palmeira imperial/ trucidada os povos indígenas trata o pobre como marginal (...) região norte do Brasil/ a Amazônia do teu cartão postal já se destruiu (BRAGA, 2016, p. 13).

O poema traz ainda uma ode aos que resistem defendendo a tradicional relação do homem amazônico com a natureza e em seus versos finais, conclama os filhos da cidade a unirem-se a essa resistência:

felizmente por aqui ainda existem guerreiros e guerreiras que lutam/ e são tantos quantos os dançarinos de boi bumbá/ balas lhe perseguem na floresta mas só viram pauta na imprensa popular (...) a cidade segue colonizada anestesiada/ mas sonha sonha sonha com seus filhos que virão/ não aqueles que buscam dela a riqueza/ mas aqueles que por ela lutarão. (BRAGA 2016, p. 13)

Ao mesmo tempo que a poesia de Elizeu Braga rompe com antigos mitos revelando as engrenagens ocultas do colonialismo sobre a cidade, ela chama os membros da comunidade para se reunirem em torno da cosmovisão dos povos tradicionais, de harmonia com a natureza.

A relação do sujeito amazônico com a natureza é o mais marcante aspecto sacralizador na poética do autor. A contemplação e a coexistência harmônica com a natureza produzem uma marca única da cultura dos povos tradicionais da Amazônia. A partir de um pequeno apanhado de comentários de João de Jesus Paes Loureiro sobre essa relação, poderemos entender melhor a presença dessa função sacralizadora na obra:

Diante da paisagem – como unidade significativa da natureza capaz de impregnar a alma de uma emotividade espontânea – o homem da Amazônia, o caboclo, experimenta um estado de sensibilidade aflorada, que se confunde com um estado poético. É a força de uma paisagem entronizada na alma amazônica, e que a realimenta liricamente. (LOUREIRO, 2015, p. 147).

O olhar e o maravilhamento (diante da paisagem), que forma a relação plurissignificante do sujeito com a natureza são essenciais para a formação cultural amazônica. Como vemos na seguinte fala dele acerca do maravilhamento dos povos tradicionais da região:

A identificação com a paisagem propicia uma natural aderência física e moral à terra. Conseqüentemente, a paisagem complementa a personalidade atendendo às íntimas necessidades do indivíduo. É como uma janela para o ser e para o ser. Olhando por ela, o homem sente-se harmonizado não só com o mundo, mas consigo mesmo. (LOUREIRO, 2015, p. 151)

Sobre a contemplação, o autor explica:

Para o nativo da Amazônia, a contemplação é um estado de sua existência. O princípio e o fim das suas relações com a vida cotidiana e a raiz de suas peculiaridades de expressão. Evidentemente que não é uma contemplação de caráter teologal ou místico, mas uma contemplação que é a extensão de sua humanidade e geradora de humanismo. (LOUREIRO, 2015, p. 207).

A partir dessas elucidações trazidas por Paes Loureiro acerca da relação do sujeito amazônico com a paisagem e a importância da contemplação em sua vivência, podemos compreender o que significa quando Elizeu Braga, um poeta amazônida, crítico do capitaloceno diz no poema “quando for a cobrar”:

(...) o que é de graça não tem graça/ melhor é aquilo que se pode comprar/ quem sabe um dia eu assista/ o pôr do sol quando for a cobrar/ quem sabe um dia eu assista/ a lua cheia quando for a cobrar/ quem sabe um dia eu me banhe/ na chuva quando for a cobrar. (BRAGA, 2016, p. 23).

Aqui o poeta apresenta um eu-lírico que substituiu suas crenças e não sabe a diferença entre o preço e o valor das coisas, que não aprecia mais a contemplação, mas teve o olhar colonizado pelo capitaloceno. O poeta retomará essa questão no poema “talvez”, nos versos que diz “dar importância as coisas que vem de graça/ imagina se um dia cobrarem pra ver o pôr do sol” (BRAGA, 2016, p.31). A função sacralizadora se faz presente quando esses poemas convidam a comunidade a retomar sua vivência, lembrar suas origens e sua ancestralidade, como o eu-lírico do poema “parente”, que diz “me perdi da minha tribo/ de minha memória não”. (BRAGA, 2016, p. 8), ou “tenho tribo” em que diz: “ando no mato/ sei do meu passado” (BRAGA, 2016, p. 10). E ainda, em “fumaça”, o poeta escreve: “(...) e o presidente querendo ser rei/ nem sabe ele que na floresta/ mora uma força,/ e essa força tem sua lei” (BRAGA, 2016, p. 15).

Portanto, conclui-se que os poemas de Elizeu Braga trazem tanto a função sacralizadora quanto dessacralizadora. Sacralizadora, em especial, quanto a ideologia de vida de um sujeito amazônico que vive em harmonia com a natureza e dessacralizadora quanto aos mitos discursivos construídos a partir do olhar colonialista.

### **Considerações finais**

Como já foi dito: ao mesmo tempo que a poesia de Elizeu Braga rompe com antigos mitos, revelando as engrenagens ocultas do colonialismo sobre seu espaço amazônico, ela chama a cidade para se reagrupar em torno de mitos e crenças resgatados da memória coletiva de uma sociedade de ancestralidade indígena.

Essa ação atende ao chamado de Glissant para que os escritores unam as funções sacralizadora e dessacralizadora da literatura na demarcação e afirmação da existência de suas culturas, contrariando a Mesmidade ocidental e exercendo uma Diversidade. Para isso, o autor enfrenta o duplo desafio.

O primeiro é o de ocupar espaços dentro de um sistema onde a representação e a representatividade são orientadas por uma dinâmica de poder, e o poder político dominante em Porto Velho é justamente seu antagonista. A região é controlada por forças políticas que promovem o mesmo discurso da agropecuarização da Amazônia que foi instalado na Operação Amazônia, durante a ditadura militar, quando o governo dava isenção fiscal aos latifundiários que derrubassem a floresta. Atualmente, em 2023, todos os deputados de Rondônia se posicionam favoráveis ao Marco Temporal, proposta legislativa que visa uma segunda usurpação das terras indígenas. Isso coloca o discurso do poeta Elizeu Braga em uma posição de oposição e resistência, de afirmar-se para resistir e resistir para existir enquanto membro de um povo tradicional da Amazônia.

O segundo desafio do poeta está transfigurado em sua poesia, pelas páginas do livro *Mormaço* (2016), que é penetrar as mentes colonizadas e anestesiadas pelo discurso capitalista, as mentes de uma cidade que “ainda acredita nas lendas dos deuses colonizadores e escutam os contadores do desenvolvimento, demolidores que confundem lucro com sustento” (p. 7), de uma “manada alienada, treinada para defender a riqueza herdada da terra roubada, da crença roubada, da língua roubada” (p. 15), e “obedece a moda da roda dos imundos” (p. 13) e “não entende que o rio tem vida” e que a vida não se vende” (p. 29), para que só então, como profetiza o poeta, apareçam os filhos da cidade, “não aqueles que buscam dela a riqueza, mas aqueles que por ela lutarão” (p. 13), antes que o pôr do sol seja a cobrar.

No que diz respeito a identidade cultural, a partir das considerações de Tomaz Tadeu sobre o processo de produção da identidade, a poesia de Elizeu Braga exerce uma força de fixação, no que diz respeito às raízes tradicionais indígenas e ribeirinhas, e de subversão, no que diz respeito às influências ocidentais. As páginas de *Mormaço* estão repletas de asserções de identidade construídas pelo verbo ser. Em “tenho tribo”, o poeta declara “porque eu sei quem sou/ sei quem tu é” (BRAGA, 2016, p.10). O que nos permite fazer uma conexão com a noção de identidade cultural de Edouard Glissant (1989).

Ao declarar sua identidade, Elizeu Braga, ou qualquer outro artista, não se posiciona como um ser isolado de seu espaço, sua voz, independente da conjugação verbal é plural, é de povo. A identidade surge a partir da relação com o Outro como disse Glissant, algo que Tomaz Tadeu coloca como sendo a identidade a partir da diferença. O autor reconhece a diversidade da “caldeirada de culturas” que habita Porto Velho, e não procura expulsar a diferença, ele a aceita, “precisamos nos olhar/ principalmente escutar

para aceitar a diferença e não desprezar a nossa diversidade saber que existimos entrelaçados” (BRAGA, 2016, p. 11), mas ataca os aspectos universalizantes hegemônicos e homogeneizantes da cultura ocidental que não aceitam a diferença e a diversidade.

A poesia de Elizeu Braga se posiciona no limiar da tensão entre a cidade de Porto Velho e suas comunidades ribeirinhas. Na dinâmica de poder, essa tensão, historicamente, favorece a marginalização da cultura desses povos tradicionais diante de uma cidade que almeja o status de metrópole do ocidente. No entanto, a poética de resistência de Elizeu Braga não é um escudo de afirmação e defesa do posto dessa cultura. Nessa dialética de conflito, seus poemas são flechas invadindo a cidade. O discurso que ele traz é o de reconquista de espaço. Seu objetivo é que um dia, a avenida Farquhar, uma das ruas mais importantes de Porto Velho, que homenageia a figura de um colonizador, possa “se chamar cassupá mura gavião karitiana” (BRAGA, 2016, p. 11).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baterista do Restart derrapa na geografia e elimina civilização do Amazonas. **Revista Veja**. 9 de março de 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/baterista-do-restart-derrapa-na-geografia-e-elimina-a-civilizacao-do-amazonas>. Acesso em: 17 de julho de 2023.

BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno (Orgs.). **Identidades e Estéticas Compósitas**. 1ª ed. Canoas: Editora da UFRGS. 1999.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2011.

BRAGA, Elizeu. **Mormaço**. Porto Velho. 2016.

GLISSANT, Edouard. **Caribbean Discourse: selected essays**. Tradução de J. Michael Dash. Charlottesville: University Press of Virginia. 1989.

LOPES JUNIOR, José Maria; MAIOLI, Juliana Bevilacqua. No Banzeiro das águas: literatura, teatro e outras travessias às margens do Rio Madeira. In: TALLERI, Jorgelina; TEIXEIRA, Wagner (Orgs.) **Transbordando as fronteiras: lenguajes desde el entrelugar, resistencia y pluralidad en los Brasiles**. Manaus: EDUA. 2020.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica - uma poética do imaginário**. Manaus: Valer. 2015.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: As vozes do rio**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2012.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.

SILVA, Josué da Costa et al. **Nos BANZEIROS do Rio: Ação interdisciplinar em busca de sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho: EDUFRO. 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença, a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes. 2014.

TEIXEIRA, Wagner (org). **Transbordando as fronteiras: lenguajes desde el entrelugar, resistencia y pluralidad en los Brasiles**. Manaus: EDUA. 2020.